

O SAGRADO E O PROFANO EM *JERUSALÉM*, DE GONÇALO M. TAVARES

Isabella Busquim Vieira Martins (PIBIC/Uem), Luzia Aparecida Berloff Tofalini (Orientadora), e-mail: luziatofalini@bol.com.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Letras – Outras Literaturas Vernáculas

Palavras-chave: Literatura Portuguesa, símbolos, *sacratu*.

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo analisar elementos do sagrado e do profano encontrados na obra *Jerusalém*, de Gonçalo M. Tavares. Busca-se evidenciar processos de conexão e desconexão entre eles e suas intercorrências na vida dos personagens. Os problemas mais lancinantes da existência, a consciência de que o ser humano é cercado de mistérios e de que é um ser para morte, leva as personagens a buscar apoio no transcendental. O trabalho compreendeu, além da leitura da obra e dos textos teóricos, a análise do comportamento e do pensamento dos personagens, procurando evidenciar como esses aspectos contribuem para a composição da identidade do sujeito. A partir da investigação desses aspectos e de como o ser humano se relaciona consigo e com a sociedade, percebem-se tendências para o vazio, para a violência e para o mal. Por outro lado, a construção de novos significados e novos valores pode ser notada. O sagrado e o profano são considerados, mesmo com o passar dos anos, fontes de constantes debates, especialmente quando se leva em conta as diferenças entre o indivíduo e a coletividade. O artigo assenta-se sobre estudos de pesquisadores que se dedicaram a discutir essa temática, tais como Mircea Eliade, Émile Durkheim, Rudolf Otto, entre outros. Essa pesquisa se encontra relacionada ao projeto de pesquisa “Representações do vazio na literatura de Gonçalo M. Tavares”, coordenado pela professora Dr^a. Luzia Aparecida Berloff Tofalini – Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, da Universidade Estadual de Maringá.

Introdução

Atualmente muito se discute sobre o homem e suas ações, tanto no que concerne a si próprio quanto naquilo que diz respeito a seus semelhantes. O ser humano indaga amiúde o sentido da vida e da morte. É impossível que o sujeito não se depare com inúmeros problemas. Por um lado, busca não se comprometer, colocando-se na banalidade do existir. Por outro, tem certa

ânsia por desvendar os mistérios do sagrado. Com o avanço das tecnologias, dos meios de comunicação e das pesquisas, torna-se mais amplo e acessível o suporte para encontrar respostas para essas indagações. Todavia, o mundo em que vivemos está em constante mudança, sendo muitas vezes difícil se adequar a isso. Sem entender a si e ao outro, o homem tenta buscar soluções e, muitas vezes, não consegue. Preocupado com essas mudanças, se vê obrigado a submeter-se a regras e imposições, o que, muitas vezes, causa certo mal-estar, como aponta Bauman (1998).

Os indivíduos são açoitados por muitos aspectos indesejáveis, como a violência, o mal, o preconceito, as guerras, que atingem não somente aqueles que praticam a maldade, mas também a sociedade como um todo. O sujeito, no entanto, busca meios para tentar solucionar os problemas ou, pelo menos, uma forma mais apropriada de encará-los, recorrendo a meios pertencentes à esfera do sagrado e isso tem se tornado cada vez mais comum. Aparece, então, o apego às imagens, às crenças, às doutrinas ou a qualquer coisa que possa ajudar a suportar a falta de sentido das coisas. Assim, é possível que, ao buscar o sagrado, o sujeito sinta-se mais confortável, como pode ser visto na obra. Oriundo do latim *sacratu*, temos o termo sagrado e aquele que muitos consideram seu oposto, o *profanu*, termo de mesma origem.

O sagrado e o profano fazem parte do conhecimento de mundo e de tudo que já se ouviu ao longo de nossa existência. A princípio, esses termos parecem opostos e excludentes, sendo o sagrado ligado somente à religião, ao bem e à fé, e o profano seria ligado a tudo aquilo que difere disso. Todavia, a pesquisa, baseada em estudiosos como Mircea Eliade (1992), mostra que os significados vão muito além dessas conclusões apressadas. De acordo com cada cultura, esses termos podem ser ressignificados. Com base em alguns estudos, notamos que a procura por esses significados e a existência da religião vêm desde o surgimento da humanidade, pois é inerente ao ser humano. Durkheim (2000), afirmava que, ao procurar uma religião ou na busca de um Deus, a pessoa não se encontra no papel de submissa a um ser superior, mas na igualdade de forças apoiadoras.

Por meio da leitura de diversas obras de estudiosos e pesquisadores, demonstrou-se que os elementos considerados sagrados e profanos são complexos e difíceis de serem definidos e isso depende da cultura de cada pessoa/povo, que evolui com o passar do tempo.

Segundo Bauman (1998), o mundo segue em desordem, seja na política, na competição de mercado, levando ao estabelecimento de uma grande desigualdade social, que resulta em uma sociedade deixada de lado, sem os seus devidos valores, com o aumento da insegurança e da incerteza. Desse modo, o homem tende a priorizar quem detém *status* e poder. Aspectos como esses podem ser observados na obra *Jerusalém*.

A análise demonstra que tanto o sagrado quanto o profano estão presentes nas manifestações cotidianas e, por meio dos personagens da obra, percebemos a abertura que o ser humano tem para o mundo e é isso que

permite a ele se conhecer e compreender, entendendo o seu ser, de modo a permitir a (re)construção da sua própria identidade.

Materiais e métodos

Os estudos sobre o sagrado e o profano tiveram como base metodológica bibliografias, com pesquisas feitas em livros, alguns deles encontrados na BCE (Biblioteca Central da Universidade Estadual de Maringá). Como critério, foram escolhidos autores conhecidos por estudarem o tema do sagrado e do profano, com suas relações entre o ser humano e a sociedade. Alguns dos principais autores que embasaram a pesquisa foram Mircea Eliade (1992), famoso cientista das religiões, Rudolf Otto (1992), teólogo e comparatista de religiões, além de estudiosos que abrangem outros vieses que, muitas vezes, estão atrelados a termos, como o mal, a violência, a humanidade etc, destacando autores como Zygmunt Bauman (1998), que retrata o mal-estar na pós-modernidade; Émile Durkheim (2000), que traz o ponto de vista sociológico para o tema. Além das obras desses autores, recorreremos também a inúmeros artigos relacionados a esse tema (e suas possíveis abordagens), encontrados em revistas eletrônicas, *sites* e em textos de cunho teórico-literário, filosófico e sociológico.

Além disso, foram realizadas leituras, discussões, esboços de textos e fichamentos, tanto do romance *Jerusalém* quanto dos textos teóricos que serviram de aporte para essa pesquisa, sendo todas as atividades acompanhadas pela professora-orientadora, por meio de encontros presenciais ou por *e-mail*.

Resultados e Discussão

Sabe-se que o ser humano possui um desejo insaciável de buscar o significado de tudo em sua vida, desde a sua existência, a criação do mundo, do mal e até mesmo da morte. A compreensão da evolução do mal e da procura pelo sagrado só foi possível a partir da vivência das personagens de *Jerusalém*: Hinnerk, ex-combatente de guerra, que carrega consigo uma arma; Mylia, que sofre de esquizofrenia e dores incuráveis, segundo a medicina; Theodor, homem de *status* que busca compreender se houve a evolução do mal no mundo ao longo dos anos; Kaas, deficiente que sofre preconceito; Ernst, o manco.

Percebeu-se – por meio da análise dos personagens da obra, de suas ações e quais caminhos e meios sagrados (ou não) – que, no dia a dia dos seres humanos eles buscam superar os obstáculos. Inferiu-se que, principalmente frente a alguns obstáculos, o profano encontra-se atrelado ao sagrado, confundem-se com ele e ambos estão propícios a afetar o ser humano.

Conclusões

A partir da análise realizada foi possível demonstrar que os estudos e a análise do sagrado e do profano permitem muitas abordagens e que ainda

há muito que se discutir e pesquisar acerca desses temas. Todavia, é possível notar que o apego e a necessidade de confiança em um Ser superior ou em algo que podemos depositar nossos medos, nossas aflições, encontra-se cada vez mais necessário, ainda mais no mundo em que vivemos, onde a violência, a maldade, a frieza de sentimentos para com o próximo torna-se cada vez maior, como demonstrado por meio dos personagens de *Jerusalém*. Assim, o trabalho de análise realizado permitiu concluir que há inúmeras formas de demonstração de crenças e que isso depende de cada cultura e da época em que se está inserido.

Além disso, vale a ressalva de que é necessário o respeito para toda e qualquer demonstração de sagrado, porque o que pode significar sagrado para alguém, pode ser considerado profano para outro ou vice-versa e que profano não necessariamente está ligado ao mal, mas muitas vezes pode se referir a acontecimentos sem cunho religioso, cotidianos.

Agradecimentos

Agradeço à professora Dr^a Luzia Aparecida Berloff Tofalini, por aceitar ser minha orientadora nesse projeto e apresentar-me a obra do autor português Gonçalo M. Tavares (que serviu como análise para essa pesquisa), por sanar minhas dúvidas e por estar sempre disposta a ajudar. Agradeço ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica–PIBIC/UEM, que estimula os alunos a participarem de projetos de pesquisa, desenvolvendo o pensamento crítico e pelo auxílio da bolsa, para que pudesse me dedicar exclusivamente à pesquisa. Toda essa ajuda foi válida para o aumento dos meus conhecimentos e para a transformação dos meus modos de pensar.

Referências

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Traduzido por: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

DURKHEIM, E. **As Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Traduzido por: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. Traduzido por: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

OTTO, R. **O Sagrado**. Traduzido por: João Gama. Edições 70: Rio de Janeiro, Brasil, 1992.

TAVARES, G. M. **Jerusalém**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.